

FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA

VÂNGELA MISCENA BORGES

A IMPORTÂNCIA DE UMA LEITURA CRÍTICA E INFORMATIVA NO ENSINO
SUPERIOR PARA A FORMAÇÃO DE CIDADÃOS CRÍTICOS

ANÁPOLIS – GO
2018

VÂNGELA MISCENA BORGES

A IMPORTÂNCIA DE UMA LEITURA CRÍTICA E INFORMATIVA NO ENSINO
SUPERIOR PARA A FORMAÇÃO DE CIDADÃOS CRÍTICOS

Artigo apresentado à Faculdade Católica de Anápolis,
como requisito essencial para obtenção do título de
Especialista em Docência Universitária, sob a
orientação da Profa. Esp. Aracelly Rodrigues Loures
Rangel.

ANÁPOLIS – GO

2018

FOLHA DE APROVAÇÃO

VÂNGELA MISCENA BORGES

A IMPORTÂNCIA DE UMA LEITURA CRÍTICA E INFORMATIVA NO ENSINO SUPERIOR PARA A FORMAÇÃO DE CIDADÃOS CRÍTICOS

Artigo apresentado à Faculdade Católica de Anápolis,
como requisito essencial para obtenção do título de
Especialista em Docência Universitária, sob a
orientação do Prof. Me. Renato Antônio Ribeiro.

Data da aprovação: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Esp. Aracelly Rodrigues Loures Rangel
ORIENTADORA

Prof. Me. William Cândido
CONVIDADO

Profa. Ma. Allyne Farinha
CONVIDADA

A IMPORTÂNCIA DE UMA LEITURA CRÍTICA E INFORMATIVA NO ENSINO SUPERIOR PARA A FORMAÇÃO DE CIDADÃOS CRÍTICOS

Vângela Miscena Borges¹
Aracelly Rodrigues Loures Rangel²

RESUMO: O avanço tecnológico na área de comunicações tem sido muito grande, mas, ainda, é principalmente através da leitura que se transmite e adquire cultura, por isso é indispensável o ato de ler, pois ele permeia toda a vida de um ser humano, seja na educação, na diversão, em suas relações sociais, etc. Uma leitura crítica não é simples de ser realizada, necessita-se de prática e disciplina. Assim, o presente trabalho tratou-se de uma pesquisa bibliográfica, para chamar a atenção dos educadores, que são os mediadores dessa atividade, sobre a importância de uma leitura crítica e informativa no Ensino Superior, algumas de suas etapas e a contribuição de instituições de ensino para a sua prática. Coube ressaltar, ainda, em uma sociedade contemporânea, o quanto necessário é o despertar do leitor para uma leitura diferenciada, que deixa o campo da superficialidade, para uma maior criticidade.

Palavras-Chave: Conhecimento. Leitura Crítica. Leitor.

1 INTRODUÇÃO

Começar um trabalho explicando o que é leitura e seus mecanismos parece contraditório, afinal, espera-se que todo leitor saiba ler.

Dessa maneira, Orlandi (2006, p. 193) diz que:

[...] leitura é o momento crítico da constituição do texto, pois é o momento privilegiado do processo de interação verbal: aquele em que os interlocutores, ao se identificarem como interlocutores, desencadeia o processo de significação. [...] É na sua interação que os interlocutores instauram o espaço da discursividade. Autor e leitor confrontados definem-se em suas condições de produção. Os fatores que constituem essas condições é que vão configurar o processo da leitura.

¹ Acadêmica do Curso de Especialização em Docência Universitária.

² Graduada em Letras (Português/Inglês); Especialista em Assessoria Linguística e Revisão Textual; Professora Convida da Faculdade Católica de Anápolis e orientadora no curso de Especialização em Docência Universitária.

Ou seja, a leitura é um processo social que exige etapas a serem cumpridas para que seja completamente concluída. É um espaço breve entre a individualidade de um escritor, para a universalidade de leitores.

Ao levar em consideração o que o autor supracitado fala sobre a leitura, percebe-se, ainda, que a individualidade de cada ser humano influencia a leitura, que sua história de vida está intimamente ligada à sua interpretação, por isso tantos significantes são encontrados na universalidade do leitor.

Colocar em evidência a prática da leitura remete-se à importância da significação do que se lê. Assim, compreender os fatores envolventes dessa atividade torna-se essencial no desenvolvimento de um processo de leitura compreensível, de forma a torná-la um objeto prazeroso.

Segundo Sales e Saraiva (2016) no ano de 2015, o Brasil possuía 12,9 milhões de analfabetos, mas, desde o ano de 2005 observa-se uma lenta taxa de diminuição no número de desses cidadãos. Em 2005, 11,1% das pessoas, com mais de 15 anos não sabiam ler e escrever. Uma década depois, essa proporção caiu para 8%, segundo dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)³. (IBGE, 2015). Porém, ressalta-se um questionamento: deve-se atentar somente ao analfabeto que não tem a capacidade de decodificar minimamente as letras, ou a preocupação com quem as decodifica, no entanto, não é capaz de interpretar e de ler criticamente se torna também essencial?

Visto que saber ler é uma condição básica da vida em sociedade, não há democracia sem letramento. Hodiernamente, não se pode conceber o desenvolvimento científico e tecnológico, ou até mesmo da organização do espaço e da gestão pública de qualquer nação, sem falar da escrita e respectivamente da leitura. As sociedades, inclusive suas leis e suas organizações, se desenvolvem através e por meio da escrita e da leitura. “Saber e poder ler e escrever é uma condição tão básica de participação na vida econômica, cultural e política que a escola se tornou um direito fundamental do ser humano, assim como a saúde, moradia e emprego” (BRITO, 2010, p. 7).

Sendo assim, é de extrema importância o acompanhamento à capacidade de leitura de uma sociedade, haja vista que o hábito em comento auxilia no

³ IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2007/2015.

crescimento intelectual, tecnológico e científico de uma nação. Assim, esta pesquisa se tornou essencialmente justificável.

O objetivo geral da pesquisa foi compreender a importância da leitura crítica e informativa dentro do Ensino Superior, na formação de cidadãos críticos, e o papel das instituições de ensino nessa prática. Para alcançá-lo, fez-se necessário conhecer a história da escrita e da leitura no Brasil e no mundo; identificar a eficácia da leitura na vida acadêmica e escolar; entender a construção das relações sociais e culturais feitas pela leitura; atentar-se sobre a mediação institucional, através da docência, nesse significativo papel do ler de forma crítica.

Para tanto, fez-se uma pesquisa bibliográfica, baseada em artigos e autores que tratam da temática de forma crítica e profunda. Optou-se por tal metodologia, visto que o que se busca compreender encaixa-se em uma forma de abordagem qualitativa, que é descritiva, que não busca dados quantificáveis, pelo contrário, esses são analisados indutivamente, com a interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados feitas de forma básica. Dessa forma, não quantificar os dados, através de pesquisa de campo, não desqualificou o artigo, pois a descrição do tema vem de encontro aos objetivos propostos.

Salienta-se ainda que o trabalho foi dividido em capítulos, a saber: a primeira parte trouxe a Introdução, que apresentou os dados essenciais para compreender o conteúdo exposto neste trabalho; o segundo referiu-se ao recorte histórico da leitura e da escrita no mundo e no Brasil até os dias atuais; o terceiro apresentou a importância de uma leitura crítica no Ensino Superior, a definição de leitura crítica e informativa e suas fases; no quarto discorreu-se sobre o papel das instituições de Ensino Superior na prática da leitura, e, por fim; as considerações finais, onde retomou-se os objetivos e apresentou-se a conclusão chegada depois de analisado o tema.

2 UM RECORTE HISTÓRICO DA ESCRITA E DA LEITURA NO BRASIL E NO MUNDO

A definição de analfabetismo sofreu variações no decorrer dos anos. No ano de 1958, a Unesco definia como alfabetizada uma pessoa capaz de ler ou escrever um enunciado simples, relacionado a sua vida diária. Para Martins (1994, p.7) “o ato de ler é usualmente relacionado com a escrita, e o leitor visto como decodificador das letras”. Ou seja, o conceito de pessoa alfabetizada era do cidadão

capaz de observar as letras e distinguir nestas as palavras. Após duas décadas depois, a Unesco passou a adotar o termo analfabetismo funcional (RIBEIRO, 2006).

Os primeiros registros da escrita que se tem notícia são datados a aproximadamente 4000 a.C., os sistemas mais rudimentares tais como as pinturas em cavernas foram registrados em períodos anteriores ao surgimento dos primeiros alfabetos (SOUSA, 2016).

As civilizações da antiga mesopotâmia, os egípcios, chineses e americanos, começaram a desenvolver seus sistemas de representação gráfica quase que simultaneamente, sendo assim, é possível fazer uma analogia entre as gravuras, e a escrita (MANGUEL, 1997).

Os primeiros desenhos feitos nas pedras visavam reproduzir de forma simplificada os conceitos ou coisas a serem representadas ou eternizadas para aquele momento ou talvez para as gerações futuras, utilizavam a escrita pictórica ou hieroglífica. O registro mais antigo que se tem notícia foi encontrado na cidade de Uruk, no sul do Iraque. Conforme Manguel (1997, p. 206), por questões econômicas, “ali [...], têm afirmado os arqueólogos, começou a pré-história do livro”.

Em tabuletas de argila, com caracteres mnemônicos, iniciava-se os primórdios do surgimento escrita e visavam sinalizar o tipo de comercialização estabelecida entre os comerciantes.

Segundo Mota (2016), a prática da leitura silenciosa só nasceu com os monges copistas da Idade Média, que tinham por dever copiar os manuscritos para aquela época e para a posteridade. O trabalho exigia dedicação, concentração, por isso necessitavam de um ambiente silencioso, calmo que favorecesse a leitura.

Para Sodré (1999), no século XIX nasceu o romantismo literário e das feiras de livros, e a leitura tornou-se um hábito, entre os jesuítas e a classe dominante, o que influenciou e modificou o modo de agir, pensar e falar.

As práticas de leitura estão associadas à história da escrita, das escritas cuneiformes da antiga Mesopotâmia até a escrita virtual dos monitores de computador, rolos de papiros, manuscritos do mar morto, gravados em madeira ou pedras (LEIRIA, 2016).

No Brasil, pode-se destacar como marco histórico para o desenvolvimento da leitura a criação da primeira imprensa nacional, que surgiu por meio do decreto do príncipe regente D. João, no dia 13 de maio de 1808, com o nome *de Imprensa*. (Grifo nosso).

De acordo com Galvão e Batista (1998, p. 34):

A partir do século XIX, com a implantação da imprensa régia em 1808, o Brasil iniciou sistematicamente a impressão de livros. Até então, não só na escola, mas nas diversas instâncias sociais, eram raros os objetos disponíveis para a leitura, haviam poucos lugares onde se poderia adquirir esses objetos (bibliotecas e livrarias só existiam nas cidades mais populosas) e, conseqüentemente, poucos eram os leitores.

Desde meados do século XV a imprensa se desenvolvia em nações europeias, no entanto, no Brasil o seu início se deu somente a partir do século XIX, tal fato dificultou a propagação de práticas de leituras durante vários anos (SODRÉ, 1999).

O ano de 1817 foi marcado de pelo início do comércio de livros e material escrito no Brasil, que só poderiam acontecer mediante aos alvarás reais, demonstrando a soberania do Estado em relação ao controle das publicações e até mesmo das informações (LEIRIA, 2016).

Assim, o Estado atuava como mediador da venda, impressão e importação de livros. Somente a partir de 1820, por decorrência da constituição outorgada por D. João, após a Revolução do Porto, é que termina o monopólio estatal, possibilitando o funcionamento de outras tipografias e finalizando a censura, que mais tarde, em período tormentoso da história nacional, retornaria impiedosa (GALVÃO; BATISTA, 1998).

Com o passar dos anos, cresceram as oportunidades para a prática de leitura, com espaços propícios destinados a tal hábito, tais como as bibliotecas e livrarias, bem como a circulação e o comércio, no entanto, durante muito tempo, o acesso era possível somente a parte da população: a que tinha maior poder aquisitivo (VILLALTA, 2005).

Segundo Habermas (1984, apud SOUZA, 2003) enquanto a imprensa escrita nacional, por vários anos buscou atingir como público-alvo a classe social privilegiada, com o passar dos anos as mídias audiovisuais, se desenvolveriam visando o controle e manipulação da massa.

A história da leitura inclui a história dos livros e das suas publicações, o surgimento das leis escritas, dos documentos oficiais, dos registros públicos, da própria organização dos indivíduos como sociedade, e recorre à história da literatura,

que busca sua própria identidade e cumpre seu papel materializando a cultura popular. (ZILBERMAN, 2008).

No século XVI, como destacou Zilberman (2008), a Companhia de Jesus foi reconhecida pela importante contribuição na formação social e literária do Brasil Colônia, e trouxe as primeiras leituras.

Os primeiros livros que circularam no Brasil foram, trazidos pelos jesuítas com uma finalidade: a da disciplina teológica. Além de cartilhas, livros de devoção, práticas de sermões e catecismos teológicos. Os padres jesuítas conservavam um caráter docente dogmático, somente os livros em latim eram liberados. Os livros, na qualidade de objeto da cultura e da prática social, eram concebidos como símbolos de uma ascensão intelectual nem sempre consentida dentro do rigor aprovado dos jesuítas (LAJOLO; ZILBERMAN, 2002).

De acordo com Marcos, Silva e González (2013), o Brasil dos séculos XVI, XVII, XVIII e XIX foi apresentado pelos historiadores consolidando uma visão de que neste período estavam indigentes de ciências em função das tradições deixadas pelos jesuítas. No entanto, Araújo (1999, p.19) afirma que “o brasileiro, se não lia tudo ou bem, ao menos lia. E lia razoavelmente vários e muitos. ” Isso ressalta que o Brasil teve desde o início uma cultura leitora arraigada, mesmo que com objetivos direcionados.

3 A IMPORTÂNCIA DA CRITICIDADE DA LEITURA NO ENSINO SUPERIOR

Historicamente, como demonstrado no capítulo anterior, a leitura tem sido reconhecida como uma atividade elitista, sinônimo de erudição, de saber. Cada período da história, por conseguinte, teve sua espécie de leitura, a depender das necessidades do povo e de cada indivíduo.

A própria noção de “História” se relaciona com a origem da escrita, do momento que o homem artificializou sua fala e registrou-a, através de códigos, para que seus semelhantes compreendessem esse mesmo código. Porém,

[...] muito antes da criação da escrita e da leitura, o ser humano expressava suas ideias, desejos e necessidades em desenhos e sinais gravados nos lugares em que habitava ou por onde passava, para se comunicar, garantir a propriedade, expressar suas conquistas, etc. (MARCOS; SILVA; GONZÁLEZ, 2013, p.127).

Nos dias atuais, se faz necessário o reconhecimento quanto à importância do incentivo à leitura, bem como seu desenvolvimento, hábito e a prática, pois são ações que proporcionam momentos de descobertas, transformação e de conhecimentos, pois a leitura é uma ação, instrumento oral da palavra uma atividade extremamente importante, parte fundamental no processo educacional.

Conseguir ler criticamente o ambiente, faz a diferença entre estar no mundo simplesmente e saber-se no mundo, situar-se nele, como também conhecer a si próprio e o espaço que lhe cabe no esquema das coisas. É pertinente lembrar que sem competência de leitura, certos graus de cidadania são hoje inatingíveis (LAJOLO, 2010).

Os hábitos de leitura de uma população são constantemente objeto de pesquisa e observa-se que é senso comum discorrer que ler é importante. Um desses estudos foi realizado pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico, que envolveu 32 países, com o objetivo de medir a capacidade de leitura em 265 mil estudantes, na faixa etária de 15 anos, pertencentes a escolas públicas e privadas. O estudo mostrou que os alunos brasileiros foram capazes de identificar letras, palavras e frases, mas não de compreender o sentido do que leram (MARQUES, 2002).

O estudo demonstrou que muitos dos estudantes possuem a capacidade de juntar letras e formar palavras e, até mesmo compreender bem as frases, no entanto quando se observa a capacidade de absorção das ideias do texto as deficiências na leitura se destacam e se sobressaem.

Esses alunos são preparados para uma vida educacional, para frequentar o Ensino Superior e deveriam ser capazes de uma leitura crítica ao entrar em uma Faculdade ou Universidade, pois, de acordo com Silva (2004), o comportamento de ler é uma condição fundamental para o bom desempenho enquanto estudante, visto que qualquer disciplina conta com a leitura de textos como veículo de obtenção de informação necessária ao seu desenvolvimento.

As questões relativas à dificuldade da leitura e compreensão de texto esbarram diretamente nos dados relativos à alfabetização. É preciso compreender as dificuldades do desenvolvimento acadêmico com a devida análise dos empecilhos na interpretação dos conteúdos textuais transmitidos aos discentes, haja vista que esta defasagem na educação base reflete em toda vida acadêmica.

Para Witter (1999 p.23), o aluno, ao chegar à Universidade, já deveria possuir uma capacidade de se adaptar aos diferentes conteúdos, possuindo bom desempenho na leitura, no entanto, o que se observa é que esses não chegam como leitores plenamente desenvolvidos, mas como imaturos literários.

Em uma pesquisa relacionada ao Exame Nacional de Desempenho (Enade) do ano de 2006, constatou-se que 43,6% dos universitários brasileiros – ou seja, menos de metade deles – estuda entre uma e duas horas por semana além do horário de aula, 34% leem no máximo dois livros por ano, excetuando os escolares, e 41,3% se informam mais pela televisão. A pouca dedicação à leitura e ao estudo busca sua justificativa na falta de tempo dos alunos. Segundo o Enade 2006, 68,2% dos universitários brasileiros estudavam à noite e 73,2% trabalhavam durante o dia (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2007).

Freire (1980), por exemplo, defende que a leitura deve ser vista como uma conquista do ser humano em seu processo de evolução. Toda sociedade produz uma memória cultural e a leitura é um meio importante para o conhecimento e a transformação das ideias, dos instrumentos e técnicas produzidos pelo homem. E se esta for levada para o âmbito crítico e reflexivo, cumpre o papel de combater a alienação e promove a libertação de um povo.

Para Solé (1998, p. 149),

O ato de ler é um processo de interação entre leitor e o texto. Nesse processo o leitor visa absorver todas as informações contidas nos textos, satisfazendo as expectativas do leitor. É preciso planejar estratégias específicas para ensinar os alunos a lidar com as tarefas de leitura dentro de cada disciplina.

Ainda sobre o ato da leitura, Oliveira e Oliveira (2007, p. 54), discorrem que “a leitura não é uma questão de tudo ou nada, é uma questão de natureza, de modos de relação, de trabalho, de produção de sentido, em uma palavra: de historicidade”

Durante a vida acadêmica, a leitura é o diferencial, pois potencializa o aluno, dotando-o de capacidades e desempenho em manipular qualquer texto, decodificando as informações contidas e fazendo um paralelo com os autores, pelo simples fato de que o aluno necessita ter uma metodologia individual e rica, um conhecimento próprio, para que ele adquira o conhecimento e o comprometimento acadêmico.

Ou seja, a leitura é utilizada em todos os meios e sem ela o conhecimento fica inacessível. A realidade é que o mundo é letrado e precisa ser lido. Autores contemporâneos ressaltam veementemente a importância do ato de ler, pois é um meio para se alcançar um bom desenvolvimento estudantil e profissional e, por conseguinte, um caminho para um *currículo* que atenda às necessidades do mercado de trabalho tão competitivo, seletivo e elitista.

3.1 NECESSIDADE DE UMA LEITURA INTERPRETATIVA E INFORMATIVA NO ENSINO SUPERIOR

O discente, ao chegar no Ensino Superior, deve ser capaz de compreender e elaborar diversos tipos de textos, dentre eles os científicos, pois esses farão parte de sua vida acadêmica, porém Pesquisas atuais que envolvem a leitura apresentam dados que os estudantes têm dificuldades na parte oral e escrita de um texto, e além disso não conseguem dar significação ao que leem. Isso acontece, pois, os alunos brasileiros, em sua maioria, são treinados apenas à decodificação, onde as escolas não costumam trabalhar informações não visuais que facilitaria a interpretação do que é lido (BRAHIM, 2007).

O ato de ler não reside apenas na identificação do conjunto de palavras impressas no papel, mas sim na capacidade de absorção da mensagem passada pelo autor. O verdadeiro leitor é aquele indivíduo capaz de não apenas entender a mensagem do texto, mas também questioná-las e posteriormente formar suas próprias opiniões.

Segundo Marconi e Lakatos (2003) a leitura informativa apresenta fases, assim esquematizadas no Quadro 1.

Quadro 1 – Fases da leitura Informativa

RECONHECIMENTO OU PRÉVIA	Leitura rápida, cuja finalidade é procurar um assunto de interesse ou verificar a existência de determinadas informações. Faz-se olhando o índice ou sumário, verificando os títulos dos capítulos e suas subdivisões;
EXPLORATÓRIA OU PRÉ-LEITURA	Leitura de sondagem, tendo em vista localizar as informações, uma vez que já se tem conhecimento de sua existência. Parte-se do princípio de que um capítulo ou tópico trata de assunto que interessa, mas pode omitir o aspecto relacionado diretamente com o problema que preocupa. Examina-se a página de rosto, a introdução, o prefácio, as "orelhas" e a contracapa, a bibliografia e as notas de rodapé;

SELETIVA	Leitura que visa à seleção das informações mais importantes relacionadas com o problema em questão. A determinação prévia dos distintos propósitos específicos é importante para esta fase, que se constitui no último passo de localização do material para exame e no primeiro de uma leitura mais séria e profunda. A seleção consiste na eliminação do supérfluo e concentração em informações verdadeiramente pertinentes ao nosso problema;
REFLEXIVA	Mais profunda do que as anteriores, refere-se ao reconhecimento e à avaliação das informações, das intenções e dos propósitos do autor. Proceda-se à identificação das frases-chave para saber o que o autor afirma e por que o faz;
CRÍTICA	Avalia as informações do autor. Implica saber escolher e diferenciar as ideias principais das secundárias, hierarquizando-as pela ordem de importância. O propósito é obter, de um lado, uma visão sincrética e global do texto e, de outro, descobrir as intenções do autor. No primeiro momento da fase de crítica deve-se entender o que o autor quis transmitir e, para tal, a análise e o julgamento das ideias dele devem ser feitos em função de seus próprios propósitos, e não dos do pesquisador; é no segundo momento que devemos, com base na compreensão do quê e do porquê de suas proposições, retificar ou ratificar nossos próprios argumentos e conclusões;
INTERPRETATIVA	Relaciona as afirmações do autor com os problemas para os quais, através da leitura de textos, está-se buscando uma solução. Se, de um lado, o estudo aprofundado das ideias principais de uma obra é realizado em função dos propósitos que nortearam seu autor, de outro, o aproveitamento integral ou parcial de tais proposições está subordinado às metas de quem estuda ou pesquisa: trata-se de uma associação de ideias, transferência de situações e comparação de propósitos, mediante os quais seleciona-se apenas o que é pertinente e útil, o que contribui para resolver os problemas propostos por quem efetua a leitura. Assim, é pertinente e útil tudo aquilo que tem a função de provar, retificar ou negar, definir, delimitar e dividir conceitos, justificar ou desqualificar e auxiliar a interpretação de proposições, questões, métodos, técnicas, resultados ou conclusões;
EXPLICATIVA	Leitura com o intuito de verificar os fundamentos de verdade enfocados pelo autor (geralmente necessária para a redação de monografias ou teses).

Fonte: A autora deste trabalho (2018), baseado em Marconi e Lakatos (2003, p. 22).

Ao analisar o Quadro 1, percebe-se que o propósito da leitura informativa é promover atitudes, conhecimentos e competências voltadas ao aperfeiçoamento da

criticidade do aluno enquanto pessoa, profissional e membro de uma comunidade, principalmente a acadêmica, obter de um lado uma visão resumida e ampla do texto e de outro, descobrir o que o autor quis dizer para elaborar o seu próprio conhecimento científico.

Já a interpretação textual e, conseqüentemente, a leitura eficaz consiste em se estabelecer uma relação entre as ideias defendidas pelo autor, e os objetivos do leitor, que busca a resolução dos problemas, proposto no texto.

A leitura interpretativa é complexa, uma vez que procura saber o que o autor realmente quis dizer, quais as informações reais que o texto oferece. A partir disso procura-se estabelecer uma conexão entre as informações oferecidas pelo autor e a solução que o leitor procura.

Uma boa leitura interpretativa requer paciência, pois é preciso mais que uma única leitura para que compreender o sentido real do texto e observar fatos que não foram notados com a primeira leitura. A cada leitura que o leitor realiza ele é capaz de coletar informações que passaram despercebidas nas leituras anteriores. A consequência de uma boa leitura interpretativa é o desenvolvimento cognitivo, intelectual e, neste ponto é importante observar que o cidadão que lê mais e se informa mais tende a desenvolver e obter a capacidade de compreender o que foi lido interpreta e utiliza. (CANTALICE, 2004, p. 105).

Oliveira e Oliveira (2007) dizem que a leitura crítica nada mais é do que a mera opinião do leitor, e o que faz dessa leitura uma fonte valiosa é justamente a análise a minuciosa que o leitor faz à procura de erros. A leitura crítica seria, portanto, a manifestação do entendimento do texto e sua importância reside na concorrência de opiniões e pontos de vista e, por fim, o crescimento no mundo das ideias, do mundo do saber.

A leitura crítica exige também a reflexão e compreensão dos diversos significados que o autor apresenta no texto. Cabe ressaltar que durante a leitura é necessário identificar e diferenciar as ideias principais e secundárias, sempre por ordem de relevância além de compreender o significado e o conceito de cada palavra utilizada. A leitura crítica é geradora de significados e, sendo assim, é capaz de fazer surgir no leitor um reflexo do texto lido anteriormente (OLIVEIRA; SILVEIRA, 2014).

Com uma leitura eficiente o leitor é capaz de adquirir conhecimentos e, assim será capaz de aperfeiçoar essa habilidade indispensável para a formação, capaz de modificar sua a visão de mundo. Uma avaliação sobre o que foi lido permite

descobrir as ideias subjacentes dentro de um texto. Para promover o pensamento crítico, deve-se, antes de qualquer coisa, ter competência necessária em leitura crítica.

De acordo Cortez (1992, p.87), “a apreensão da informação para sua transformação em conhecimento crítico e transformador passa, necessariamente, pela leitura do mundo, sem o que a leitura da palavra não levará a nada”.

Já para Antônio (2010, p.22),

Para que o sujeito alcance a compreensão do texto através de sua leitura crítica, é necessário que haja a percepção das relações entre o texto e o contexto. Assim, a leitura que não se traduz como processo passivo; ela exige do sujeito, que é leitor, descoberta e recriação do entrelaçamento texto-contexto. [...] Enfatiza a participação criadora do leitor, na medida em que o texto proporciona ao homem a ampliação de seu conhecimento da realidade, permitindo que o leitor vá para mais além e recrie referenciais de mundo, transformando-se num produtor de acontecimentos capaz de assegurar sua compreensão e consciência crítica.

Assim, fica claro que a leitura crítica e informativa dentro do Ensino Superior contribui para a formação do indivíduo, tornando-o capaz de analisar a sociedade, seu dia a dia e, de modo particular, ampliando e diversificando visões e interpretações sobre o mundo, com relação à vida em si mesma.

E para que isso de fato aconteça, é primordial que a leitura propriamente dita ocorra em ambientes favoráveis à sua aquisição, mas, acima de tudo, seja propiciada, respeitando o nível sociocultural do leitor.

4 AS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR E SEU PAPEL FUNDAMENTAL NO INCENTIVO À PRÁTICA DA LEITURA

Muitas vezes os alunos não estão suficientemente preparados para os cursos de Ensino Superior, e ao se depararem com as grades curriculares extensas, cansativas, muito teóricas, acabam por abandonar os cursos nos primeiros períodos.

E leitura tem um papel determinante nesse contexto, tendo em vista que a compreensão e interpretação dos textos serão rotina na vida universitária. A leitura deveria ser ensinada e não trabalhada, por que ela liberta, transforma e liberta das garras da ignorância, proporcionando dignidade para a população, benefícios aos cidadãos (BORUCHOVITCH, 2001).

Como já mencionado anteriormente, através da leitura que se que ampliam os conhecimentos, as informações, a agilidade de pensamentos, e quanto mais a leitura é exercitada maior será o aumento das habilidades de estabelecer conexões que possam contribuir na construção do conhecimento intelectual e, conseqüentemente, profissional.

Segundo Silva o (2004), o ato de ler é um processo histórico, é uma atividade integradora e de suma importância para a vida em sociedade. A leitura é um ato em conjunto onde o leitor interage, cria vínculos, com os personagens do texto. É o principal meio pelo qual o aluno acessa as informações, conteúdos programáticos dos cursos, sua grade curricular, a boa leitura focada é profunda, comprometida e facilitará o cumprimento das atividades solicitadas durante o decorrer dos cursos escolhidos. É preciso dedicação para aprimorar esta prática e assim poder desfrutar de tudo que a leitura nos proporciona, e sua contribuição social.

Conforme Andraus e Santos (1999, p.23):

As condições ambientais são determinantemente incentivadoras para desenvolver na criança pelo prazer em ler. Entretanto, a realidade do prospectivo leitor brasileiro é, em geral, pouco estimulante: a maioria dos pais não lê e pouquíssimos se preocupam em fazer com que os filhos leiam, sendo outorgado à escola o papel de incentivar a leitura nos seus alunos. Assim, para a formação de leitores, são considerados elementos fundamentais a escola e a família. A mútua relação dessas instituições favorece o desenvolvimento da leitura e, sobretudo, o gostar de ler.

Uma instituição de Ensino Superior é formada por uma comunidade, produzida como a expressão da sociedade e da realidade humana em seu conjunto e seu corpo docente é o elemento condutor dos processos educativos e formativos.

As instituições de ensino lidam com funções específicas de conservação, criação, transmissão da cultura e transformação social, possibilitando aos alunos alcançar não somente a profissionalização, mas também o conhecimento científico. Ademais, é missão dessas instituições promover o desenvolvimento da comunidade em que está inserida. Assim, se torna fundamental que elas se preocupem com a qualidade do ensino que é realizado em seus cursos, pois as instituições educativas contribuem para a manutenção, o ou ainda transformação da vida do indivíduo e da sociedade.

Para Witter (1999, p.119) “A universidade tem o dever de proporcionar ao estudante uma formação que lhe propicie condições de desenvolver uma leitura eficaz

principalmente no que tange a leitura-científica, que é primordial para o futuro desempenho profissional”.

É comum observar alunos com um vocabulário restrito, temerosos de apresentar argumentos e raciocínios em um debate ou seminário, até mesmo diante de seus outros colegas, o que é extremamente preocupante no Ensino Superior. Ainda assim, qualquer que seja seu curso, o universitário terá que se tornar um destro leitor, principalmente porque o conhecimento que ele precisará absorver e não se restringirá aos quatro ou cinco anos de ensino, mas sim em uma gama de outras informações que serão apenas adquiridas por uma leitura aprofundada e cuidadosa.

Uma ligeira observação sobre os cursos superiores em geral demonstra um panorama em que a leitura dos universitários se processa como em um trabalho de garimpo. Bertolo (2005, p.56) relata que:

Os estudantes buscam com dificuldade o ponto focal dos textos, divagam, demoram a compreender o que leem, e muitas vezes se perdem entre tantos escritos, não porque sejam extensos, mas porque não conseguem dominar os rudimentos que conduziriam a um processamento inteligente e a uma separação consciente dos escritos das variadas disciplinas. Assim, observamos muitos alunos se queixarem de que “têm muitos textos para ler”, ou que “os professores passam textos que não entendem, não conseguem encaixar na disciplina”, quando na realidade é sua capacidade de leitura morosa e desabituada que os fazem acumular os conteúdos a serem lidos e a não realizarem uma intertextualidade produtiva.

Ou seja, a universidade existe para produzir conhecimento, gerar pensamento crítico, organizar e articular os saberes, formar cidadãos, profissionais e lideranças intelectuais, transformando a sociedade, planejando e desenvolvendo programas de superação e de formação.

A discussão quanto às origens dessa deficiência (ou falta de hábito), tem levado alguns estudiosos a interessantes considerações. Silva (2004), após citar várias pesquisas, conclui afirmando que tornar-se um bom leitor envolve as primeiras vivências com a leitura e a escrita, o processo pelo qual o indivíduo foi alfabetizado, o domínio que adquiriu da própria relação ler/escrever com a sociedade e de como aprendeu a ver a leitura como forma de conhecer o mundo. Witter (1999, p.11) afirma: “certamente as contingências de vida anterior ao ingresso na Universidade, o nível de desempenho em leitura com que nela ingressa e as condições atuais de vida do estudante são variáveis que influenciam na leitura do universitário”.

O professor tem papel fundamental no processo de ensino-aprendizagem de seus alunos, que é o de mediador. Cabe a este profissional incentivar os atos de leitura, despertando e desenvolvendo assim a criticidade dos alunos, contribuindo para crescimento intelectual. De nada adianta culpar os professores da educação básica por não terem conseguido estimular uma leitura. Apenas culpá-los seria uma nova forma de negligenciamento. Para Canguçu (2013, p. 25)

O agente letrador, ou seja, o professor, sabe que o seu papel é de mediador e o processo de mediação está diretamente ligado à qualidade do ensino e reflete de forma negativa na educação brasileira. Para que isso não ocorra são necessários professores comprometidos com a prática pedagógica, que incentivem a prática da leitura e façam uso dessa em sala de aula com a finalidade de desenvolver novos leitores. O papel de incentivar a leitura com o intuito de formar sujeitos letrados não cabe apenas ao professor, mas a missão de incentivar o uso dessa e de fazer a mediação em sala de aula é exclusiva dele, pois este pode estimular a leitura nos alunos fazendo uso dos recursos oferecidos e ao mesmo tempo usá-los como ferramentas para o seu trabalho pedagógico. A falta desse trabalho tanto com a leitura, quanto com a mediação, traz consequências na formação do aluno que muitas vezes tem a sua educação comprometida, não se tornando um sujeito letrado e sem o hábito da leitura.

Para essa mediação existem estratégias, baseadas no contexto educacional e social do discente, que podem ajudar os alunos a conseguirem uma leitura mais profícua. Cabe ao professor conhecê-las e verificar quais se adequam a essa realidade. Como este assunto é de extrema relevância, porém não é objeto deste estudo, fica aqui a indicação de um outro artigo que trate dessa temática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conseguir ler criticamente o ambiente, faz a diferença entre estar no mundo simplesmente e saber-se no mundo, situar-se nele, como também conhecer a si próprio e o espaço que lhe cabe no esquema das coisas. É pertinente lembrar que sem competência de leitura, certos graus de cidadania são hoje inatingíveis.

Ademais, cabe salientar ainda que a leitura é um importante fator de aproximação entre as pessoas através da expressão do pensamento, do desenvolvimento da comunicação, contribui para que o leitor possua uma riqueza vocabular, entre inúmeros outros benefícios.

Durante a vida acadêmica, a leitura é o diferencial, pois potencializa o aluno, dotando-o de capacidades e desempenho em manipular qualquer texto, decodificando as informações contidas e fazendo um paralelo com os autores, pelo simples fato de que o aluno necessita ter uma metodologia individual e rica, um conhecimento próprio, para que ele adquira o conhecimento e o comprometimento acadêmico.

De todo o exposto, pôde-se concluir que a leitura influencia diretamente no crescimento pessoal e laboral do indivíduo e é por intermédio dela que se consegue alcançar e produzir o conhecimento científico.

Porém, como demonstrado, estudantes não dão o valor necessário à leitura. Especialistas no assunto identificam a importância de ações eficientes de leitura, de forma contundente para sanar as dificuldades enfrentadas nas salas de aulas, mas, ainda assim, nota-se, constantemente, o despreparo com essa atividade.

Em uma sociedade globalizada, em que o conhecimento rompe as barreiras, uma leitura dinâmica e coerente faz toda a diferença, e resulta em um alto grau de aproveitamento das informações, desenvolvendo melhor o senso crítico. É necessário trazer aos acadêmicos o entendimento em relação aos inúmeros benefícios advindos do hábito constante da leitura e do quanto esta atividade pode ser prazerosa e necessária, mas isso só será possível através de um esforço em conjunto: sociedade, professores, instituições de ensino e com técnicas direcionadas à leitura.

Para finalizar, cabe ressaltar, ainda, que este tema não está esgotado, pois como mencionado anteriormente, ainda existem tópicos que auxiliarão no processo de uma leitura crítica a serem pesquisados e demonstrados. Porém, para este estudo, os autores pesquisados e analisados corroboraram para alcançar os objetivos propostos.

ABSTRACT

THE IMPORTANCE OF A CRITICAL AND INFORMATIVE READING IN HIGHER EDUCATION FOR THE FORMATION OF CRITICAL CITIZENS

The technological advance in the area of communications has been very great, but still, it is mainly through the reading that is transmitted and acquires culture, therefore

it is indispensable the act of reading, because it permeates the whole life of a human being, whether in education, entertainment, social relations, etc. A critical reading is not simple to perform, practice and discipline are needed. Thus, the present work was a bibliographical research, to draw the attention of the educators, who are the mediators of this activity, about the importance of a critical and informative reading in Higher Education, some of its stages and the contribution of institutions of teaching for their practice. In a contemporary society, it is also necessary to awaken the reader to a differentiated reading, which leaves the field of superficiality to a greater criticality.

Keywords: Knowledge. Critical Reading. Reader.

REFERÊNCIAS

ANDRAUS, J.; SANTOS, A. A. A. Importância do desenvolvimento da leitura na formação profissional. In: WITTER, G. P. **Leitura textos e pesquisas**. Campinas: Alínea, 1999.

ANTÔNIO, D. R. Dos S. **Um Estudo Sobre Práticas Orientadas ao Ensino da Literatura**. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, 2010. Disponível em: <https://www.fe.unicamp.br/alle/teses_dissert_tcc/arquivos/driele_antonio-tcc.pdf>. Acesso em: 12 set. 2017.

ARAÚJO, J. de S. **O Perfil do Leitor Colonial**. Salvador, UFBA/Ilhéus, UESC, 1999.

BERTOLO, S. J. N. **Política Curricular, Formação e Desempenho Acadêmico do Discente do Curso de Pedagogia da UFPA**. Universidade Federal do Pará. Relatório Final da Pesquisa, 2005.

BORUCHOVITCH, Evely. Algumas estratégias de compreensão em leitura de alunos do ensino fundamental. **Psicol. Esc. Educ. (Impr.)**, Campinas, v. 5, n. 1, p. 19-25, June 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?scriptsci_arttext&pidS141385572001000100003&Ing=en&nrm=iso>. Acesso em: 18 out. 2017.

BRAHIM, A.C.S.M. Pedagogia crítica, letramento e leitura crítica. **Sistema Eletrônico de Revistas Pró-reitora de Pesquisa e Pós-graduação**. 2007. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/revistax/article/view/53766513>>; Acesso em: 03 fev. 2017.

BRITO, D.S. A importância da leitura na formação social do indivíduo. **Revela** - periódico de divulgação científica da FALS. Ano IV, 2010.

CANTALICE, L. M. de. Ensino de estratégias de leitura. **Psicol. Esc. Educ. (Impr.)**, Campinas, v. 8, n. 1, p. 105-106, jun. 2004. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141385572004000100014&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 18 out. 2017.

CANGUÇU, T. V. **O papel do professor como mediador de leitura para o letramento**. Monografia apresentada à Universidade de Brasília, 2013. Disponível em:

<http://bdm.unb.br/bitstream/10483/6281/1/2013_TalwaneVieiraGangucu.pdf>. Acesso em: 15 set. 2017.

CORTEZ, P. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 3. ed. São Paulo, 1992.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980

GALVÃO, A. M. de O; BATISTA, A. A. G. A leitura na escola primária brasileira: alguns elementos históricos. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 24, v. 4, Dimensão, nov./dez. de 1998. p. 34

LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2002.

LEIRIA, E. L. A escolarização da leitura no Brasil: uma visão histórica. **Linguagens & Cidadania**, [S.l.], set. 2016. ISSN 1516-8492. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/LeC/article/view/23799>>. Acesso em: 18 out. 2017.

MANGUEL, A. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo, Atlas 2003.

MARCOS, M. M.; SILVA, C. T. S; GONZÁLEZ, I. M. (Coord.). **Literatura para a infância e a juventude e educação literária**. Lisboa: Deriva Editores, 2013.

MARQUES, L. Por que eles não conseguem ler? **Jornal do Instituto Fernand Braudel de Economia Mundial**. Ed. 31, 2002. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSHumanSocSci/article/viwFile/202/150>>. Acesso em: 18 set. 2017.

MARTINS, M. H. **O que é Leitura**. 19. ed. São Paulo: Princípios, 1994.

OLIVEIRA, R. Á. M. de; OLIVEIRA, K. L. de. Leitura e condições de estudo em universitários ingressantes. **Psic**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 51-59, jun. 2007. Disponível em:<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-73142007000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 18 out. 2017.

OLIVEIRA, A. G. de; SILVEIRA, D. A importância da leitura na vida acadêmica e cotidiana. **Infarma - Ciências Farmacêuticas**, [S.l.], v. 26, n. 2, p. 81, June 2014. ISSN 2318-9312. Disponível em:

<<http://www.revistas.cff.org.br/?journal=infarma&page=article&op=view&path%5B%5D=638&path%5B%5D=522>>. Acesso em: 04 out. 2017.

RIBEIRO, V. M. **Analfabetismo e alfabetismo funcional no Brasil**. Boletim INAF Julago, 2006.

SILVA, E. M. T. Leitura e escrita na universidade. In: WITTER, G.(Org.). **Leitura e Psicologia**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2004.

SOLÉ, I.; **Estratégias de leitura**. 6. ed., Porto Alegre: ArtMed, 1998.

SOUSA, J. P. **Elementos de teoria e de pesquisa da comunicação e da mídia**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.

SOUSA, R. G. **Origem da Escrita**. 2016. Disponível em: <<http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/historiageral/origem-escrita.htm>>. Acesso em: 15 set. 2017.

VILLALTA, L. C. A história do livro e da leitura no Brasil Colonial: balanço historiográfico e proposição de uma pesquisa sobre o Romance. *Convergência Lusíada*, Rio de Janeiro: **Real Gabinete Português de Leitura**, v.21, p. 165-185, 2005. Disponível em: <www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br?estudos/ensaios/livroeleitura.pdf>. Acesso em: 17 set. 2017.

WITTER, G. **Leitura: textos e pesquisas**. Campinas, SP: Editora Alínea, 1999.

ZILBERMAN, R. O Papel Da Literatura Na Escola. **Via Atlântica**, São Paulo, n. 14, p. 11-22, dec. 2008. ISSN 2317-8086. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50376>>. Acesso em: 18 out. 2017.